

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS E A PRÁTICA DOCENTE POR MEIO DAS REDES SOCIAIS

Vitória Neris Matos¹
Neli Porto Soares Betoni Naban²

Resumo

Esta pesquisa aborda a realidade da educação no contexto atual e a utilização das tecnologias educacionais, com ênfase na interação entre professor e estudantes. Neste contexto, destaca-se a relação da prática docente, da cultura digital e da linguagem. Objetiva-se refletir sobre a educação e a prática do professor com base em leituras e pesquisas acerca da formação dos professores e do uso das tecnologias e das redes sociais. O contexto da nossa pesquisa é a relação dialógica entre professor e aluno, abrangendo o trabalho de professores e pesquisadores sobre a formação de professores, a educação, a linguagem, comunicação e a cultura digital. A metodologia utilizada neste trabalho é bibliográfica, por meio da análise do discurso. Utilizamos teóricos da educação, da linguagem e da análise do discurso. O intuito é provocar reflexões sobre tecnologia, linguagem e prática docente e contribuir com a educação que inclua as pessoas para o pleno desenvolvimento. Os resultados apontam para o uso de tecnologias educacionais e redes sociais a fim de aproximar professores e alunos e oportunizar o acesso a livros, vídeos e recursos didático-pedagógicos que possibilitam a construção do conhecimento. Importante destacar os benefícios que as tecnologias educacionais e as redes sociais possibilitam à prática docente, porém não se pode esquecer de mencionar que nem todos os alunos e professores têm condições econômicas para o acesso à aparelhos e à internet de qualidade. A sociedade vive tempos marcados pela presença da tecnologia. Tempos estes em que nunca se precisou tanto do auxílio das tecnologias da informação para o funcionamento da escola, mas o elemento humano continua sendo o diferencial na relação de aprendizagem.

Palavras-chave: Linguagem; Tecnologia; Prática docente.

1 Introdução

Os assuntos abordados nesse trabalho centram-se na realidade da educação atual, as tecnologias da informação, a prática docente, a cultura digital e a linguagem. Dialoga-se sobre a educação e a função do professor com base em leituras e pesquisas acerca da formação dos professores e do uso das tecnologias e das redes sociais nas escolas. O contexto da nossa pesquisa é a realidade atual, abrangendo o trabalho de outros professores e pesquisadores sobre a formação de professores e a cultura digital. Nosso intuito é refletir sobre representações discursivas de professores e estudantes e o uso das redes sociais como o

¹ Estudante do VIII Semestre de Licenciatura Letras com habilitação em língua inglesa e língua portuguesa pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: vitorianerismatos@gmail.com

² Professora de Língua Portuguesa e Orientadora do PIBIC. Email: rf5670@ucdb.br

Facebook. A educação encontra-se em um momento em que nunca se precisou tanto do auxílio das tecnologias da informação para o funcionamento da escola.

As tecnologias vêm proporcionando cada vez mais melhorias e facilidades para as nossas vidas. E isso não é de hoje. Por tecnologia, segundo Kenski (2012), entendemos toda e qualquer modificação feita pelo homem na natureza para alcançar algum fim. Cada era da evolução, desde a idade da pedra foi marcada pelo uso de uma tecnologia. Tivemos a revolução agrícola, quando o homem descobriu que poderia plantar seu próprio alimento. A idade da pedra lascada, quando descobriu que poderia esculpir em pedras para produzir utensílios tecnológicos. A idade do cobre, quando descobriu o fogo e que com ele poderia moldar e fundir utensílios mais refinados. A idade do bronze, material mais resistente que o cobre, e a idade do ferro, quando começaram a serem produzidas as armas e os instrumentos de guerra.

Porém por tecnologias não se entende apenas ferramentas e utensílios materiais, mas toda interferência do homem na natureza por meio de sua inteligência para alcançar os seus objetivos. As tecnologias de forma geral podem ser classificadas em três grandes grupos, são eles: as tecnologias físicas, as tecnologias organizadoras e as tecnologias simbólicas. Até mesmo a linguagem humana é um tipo de tecnologia, pertencente às tecnologias simbólicas, inventada pelo homem para facilitar o seu dia a dia e a comunicação entre os grupos.

No que se refere às tecnologias físicas tivemos a revolução do trabalho, desde quando a mão de obra braçal foi substituída pela produção das máquinas, a industrialização dos alimentos, dos utensílios, e de produtos em geral nas fábricas. E todo esse desenvolvimento material chegou ao conforto do nosso lar, com todo tipo máquinas e aparelhos elétricos, que nos permitiram permanecer neles por muito mais tempo, e precisar sair para enfrentar o mundo em busca da sobrevivência muito menos.

Até chegar a realidade que temos hoje, quando desde comprar alimentos a falar com nossos amigos e familiares, tudo passou a ser feito sem sair de casa por meio das tecnologias da informação e da comunicação. E a principal diferença que percebemos atualmente é a velocidade com que as informações são propagadas, chegando a todos os lugares do mundo tão rápido quanto um pensamento. Embora as máquinas industriais e domésticas pudessem fazer muita coisa, nada trabalha tão rápido quanto a velocidade da informação. Se antes as pessoas precisavam se esforçar para estarem bem informadas, ficar observando da janela ou sentadas nas calçadas para se comunicarem com os vizinhos, hoje nem olhar da janela ou colocar o pé para fora precisam, já que a informação circula em todos os lugares e ao mesmo

tempo. E a partir dessa realidade que teve início depois da Segunda Guerra mundial com o surgimento dos primeiros computadores, da linguagem binária e dos processamentos de dados passou-se a pensar sobre a cultura digital, onde a forma de conectar-se com o conhecimento assumiu diferentes formas, assim como a sua disseminação e consumo.

Se antes só se aprendia indo à escola, hoje aprendemos de várias formas e a informação anda disponível a qualquer hora para qualquer pessoa que encontre um meio de acesso a ela. Hoje é possível formar-se, capacitar-se, graduar-se, ou fazer qualquer curso, aprender qualquer idioma, se formar em uma faculdade, pós-graduar-se sem precisar sair de casa. O preconceito sobre o ensino EAD está prestes a ver o seu fim com a nova geração que vem chegando. Geração que já nasceu aprendendo por meio da internet e habituou-se ao mundo digital sem nenhuma dificuldade. A integração dos meios de informação e o uso da internet nas escolas físicas também vêm ganhando seu espaço, embora ande de maneira um pouco mais lenta.

Porém a desigualdade social e econômica no Brasil se reflete principalmente no meio digital. Se por um lado temos um público conectado com a mesma qualidade dos países de primeiro mundo, por outro temos um grupo bem abaixo das condições de acesso à informação e à internet do restante do mundo. E essa diferença é tão expressiva que interfere também na qualidade de vida, na cultura e na educação em nosso país. Principalmente com a realidade que enfrentamos no ano de 2020, em que muitos alunos tiveram que aprender dentro de suas casas, pois o acesso à escola e a limitação da liberdade de locomoção social tornou-se uma questão de saúde pública.

Para o uso efetivo das ferramentas digitais é preciso pensar numa série de coisas, desde o acesso a essas ferramentas, quanto à qualidade do ensino e acompanhamento dos alunos. Não basta inserir o aluno em um ambiente tecnológico e digital, pois já vivemos nele. Mas é necessário educar para se refletir sobre a realidade em que estamos inseridos, para que a sociedade atual pare de receber informações de maneira acrítica, e encontrar uma finalidade por trás do trabalho com a cultura digital. Para isso é necessário haver um planejamento adequado e um preparo das aulas de forma diferente do que era convencional para que os objetivos educacionais relacionados às tecnologias como meio de aprendizagem dos alunos e a reflexão sobre ela sejam claros e objetivos.

2 Referencial teórico

Importantes pesquisadores e escritores docentes que pensaram a educação na atualidade e o uso das tecnologias ganharam muito mais importância agora devido aos acontecimentos dos anos de 2020 e 2021. No presente trabalho pretendemos convidar à discussão sobre esses assuntos: Novoa (2020), que fala sobre a formação dos professores no contexto atual; Imbernón (2011), que tratou das incertezas que nos esperam na docência; Benvenuto (2021), que quebra barreiras e traz uma nova visão sobre a cultura digital e a construção da imagem pessoal; Tardif (2002), que fala sobre os saberes docentes; Kenski (2021), que antes da pandemia já era uma pesquisadora e professora famosa em levar a pensar sobre as tecnologias e as questões que envolvem a educação; Rojo (2007), que propõe formas de se trabalhar com recursos presentes na cultura digital e a partir do que os alunos já conhecem para que aprendam de forma contextualizada e significativa; Fiorin (2018) e Fairclough (1992) sobre a linguagem e a construção dos sujeitos. Assim como Bauman (2001) e seus escritos sobre a pós-modernidade.

Nosso objetivo é responder a dúvidas e questionamentos que nos preocupam atualmente sobre o lugar da escola, a importância do professor, o futuro das tecnologias da informação no ensino, além da linguagem na cultura digital e as representações discursivas de professores e estudantes do ensino básico nas redes sociais. Para isso iremos pensar sobre o ofício do professor, o uso das tecnologias no ensino presencial e EAD, a formação docente e profissional, os saberes docentes, os desafios que nos esperam em nossa carreira e o papel dos professores nesse momento em que a internet ganhou ainda mais destaque e lugar de atuação.

Embora o Brasil tenha um público considerável de pessoas com acesso à informação, e agindo nas redes sociais, fazendo com que o país se encontre no ranking 89º de país mais conectado, segundo Vani Kenski (2012), essa parcela de pessoas pode ser considerada privilegiada em face das desigualdades sociais presentes em nosso território, e da imensa parcela vivendo em condições desumanas e abaixo dos níveis de pobreza. E a realidade a que assistimos em 2020 foi o difícil acesso à internet pelos mais pobres, e as desigualdades sociais impossibilitando que o ensino nas escolas públicas fosse realizado de maneira digital como nas escolas privadas. E isso tornou muito mais complicada a relação entre professor e aluno, aluno e escola, escola e família. Diminuindo o compromisso entre as partes, o que aumentou ainda mais a desigualdade e a distância entre os ricos e os pobres.

Segundo Antonio Novoa (2020), em uma de suas webconferências, o professor e a escola não deixaram de ter sua importância. Muito pelo contrário, neste contexto podemos observar como a escola e os professores são imprescindíveis para a sociedade. Sem a instituição escola e sem os professores a educação torna-se bastante difícil. E sem ter o espaço físico da escola, em que as famílias levam seus filhos para estudar, o aprendizado se torna muito mais difícil. Os pais, muitas vezes sem paciência ou capacitação para ensinar não conseguiram assumir o papel dos professores nas escolas, o que trouxe em voga mais uma vez a importância de profissionais formados e hábeis para desenvolver esse papel junto às famílias no processo educacional.

Antonio Novoa (2020) também afirmou que não podemos abandonar os nossos alunos e fazer-nos ausentes nas escolas e na sociedade. A realidade que vimos foi bastante triste, pois os alunos mais pobres e mais vulneráveis sofreram mais os efeitos do afastamento da escola na educação. Pois sem a escola e os elementos tecnológicos que ela proporcionava não tiveram meios de inserir-se em um ambiente motivador de ensino e aprendizagem, por serem justamente aqueles com pouco ou nenhum acesso à internet e as ferramentas digitais. E é para eles que os professores precisavam dedicar a sua preocupação e inventando maneiras de ensiná-los nesse momento tão duro e tão dramático. Pois nem o ensino público nem a escola pública poderiam deixar de ser instituições centrais no desenvolvimento da sociedade.

De acordo com o professor Imbernón (2011), doutor em pedagogia e autor de livros sobre alternativas pedagógicas e formação de professores, os dias atuais pedem uma redefinição da docência como profissão. Se antigamente o que havia nas escolas era a reprodução de teorias e discursos relevantes para uma elite privilegiada e o conhecimento era fechado em uma caixa com conteúdos determinados a serem ensinados em uma determinada quantidade de anos, hoje em dia, com a evolução da sociedade esse modelo tornou-se obsoleto. Atualmente, o objetivo da escola visa mais a formação do ser humano de maneira integral e muito mais complexa a fim de prepará-lo para a sociedade. Por isso cada dia faz-se mais necessário a redefinição da docência como profissão. Segundo ele, “a instituição que educa deve deixar de ser um lugar exclusivo em que se aprende apenas o básico e se reproduz o conhecimento dominante, para assumir que precisa ser também uma manifestação da vida em toda a sua complexidade”. Logo, a educação, a formação e a profissão docente, assim como as funções do professor na sociedade constituem uma nova cultura profissional. Para ele a formação docente atualmente resume-se a formar-se para a mudança e a incerteza e o

professor mais do que um transmissor de conhecimentos hoje precisa ser um cidadão ativo e participativo socialmente e importante para a comunidade.

Maurice Tardif (2002), professor canadense de História do Pensamento na Universidade Laval no Quebec, por outro lado, defende que há saberes específicos para o exercício da docência. Pois por muito tempo o professor foi visto como detentor do conhecimento e aquele que tinha poder em escolher o que iria ensinar. Porém com o surgimento da pedagogia construtivista, com uma abordagem mais interdisciplinar e com o aluno ganhando papel importante no processo de ensino e aprendizagem algumas outras habilidades, competências e conhecimentos passaram a ser requeridos da parte dos professores.

Há uma série de concepções acerca do tema que se refere aos saberes dos professores, e as habilidades requeridas deles. Tardif (2002) elenca quatro conceitos, são eles: os saberes da formação profissional, os saberes disciplinares, os saberes curriculares e os saberes da experiência. Os três saberes que tem maior convergência sobre o tema entre os autores são: os saberes específicos, os saberes pedagógicos, e os saberes de experiência. Os saberes de conhecimento ou específicos são aqueles referentes à formação do professor e aqueles que serão passados aos alunos. Eles estão muito relacionados aos aspectos teóricos acerca da área, aqueles que envolvem o conteúdo e o patrimônio cultural e científico da humanidade. Porém o domínio desses saberes não é o que determina a competência do professor em ensinar ou se a aula será efetivamente boa. Pois apenas ter domínio num conteúdo específica não garante o alcance dos objetivos pedagógicos. Ou seja, meramente o conhecimento teórico não é suficiente.

Já os saberes da experiência se referem aos saberes adquiridos ao longo do exercício da profissão, ou seja, aquele professor que conhece as astúcias da docência, que aprendeu a controlar os seus alunos e pôde melhorar suas práticas. E porque desenvolveu isso com o tempo, criou estratégias de ensino e aprendizagem efetivas. Um educador não aprende a dar aula com sua prática profissional secular. Ou seja, um bom cientista nem sempre será um bom professor de ciências. Entretanto essas competências são passíveis de serem compartilhadas. É possível adquirir experiência ao longo do tempo e também por meio da reflexão. Um professor, por exemplo, pode ter um bom conhecimento teórico, mas se ele não for atrelado à reflexão não significará muita coisa.

O ultimo processo elencado por Tardif (2002) são os saberes pedagógicos e andragógicos. Não basta o docente ter conhecimento da área e experiência, ele também

precisa ter saberes pedagógicos referentes a sua didática. Ou seja, aos processos e ferramentas que utilizamos em sala de aula para conduzir todo o processo de ensino e aprendizagem que diz respeito ao desenvolvimento da prática do professor. É importante saber que os saberes pedagógicos e práticos não se limitam apenas a aplicar as técnicas e métodos de transmissão de conteúdos. Se apenas dominar a didática garantisse o exercício de um bom professor não haveria divergências entre a coordenação pedagógica das escolas e do corpo docente muitas vezes, por terem muito saber didático e teorias sem vivenciar a realidade da prática em sala de aula.

O professor Antonio Nóvoa (1999), uma grande figura para se pensar também na formação dos professores e no uso das tecnologias, professor de Ciência da Educação na Universidade de Genebra e de Português e História Moderna e contemporânea na Paris-Sorbonne, defende que é preciso focar na formação profissional dos professores de hoje em dia, pois o profissional que sabe apenas da sua área nem da sua área sabe. Por exemplo, um médico que sabe apenas medicina, nem medicina sabe. Portanto o professor atual precisa entender que as salas de aula nunca serão homogêneas e as escolas irão se tornar um espaço cada vez mais aberto para a busca do conhecimento. Dessa forma o nosso papel como professor não é mais passar o conhecimento, mas ensinar a agir sobre ele, a torná-lo significativo, a usar o conhecimento aprendido na prática. Nas Universidades, para ele, tem faltado um lugar em comum para os professores de todas as áreas partirem. Por exemplo, enquanto um médico faz a faculdade de medicina, para ser professor são inúmeras as opções. Não há um lugar comum de formação. Confiar que os professores tenham qualidade deveria ser o que esperamos como normal. Uma escola pública de qualidade onde os alunos são bem recebidos, aprendem e tornam-se sujeitos críticos, reflexivos e participativos deveria ser o mais comum. Pensar e refletir sobre a sala de aula e não só montar planos de aula de maneira mecânica. E também pensar sempre de forma interdisciplinar, formadora e participativa. O que se espera da escola de hoje deveria ser uma formação para o mundo atual, de maneira interdisciplinar, participativa, relevante e integrada.

Ele também defende que o que caracteriza os professores da virada do milênio (fruto após uma palestra proferida à Universidade de São Paulo em 20 de maio de 1999) é a pobreza das práticas educacionais acompanhada do excesso de discurso sobre elas. Para Nóvoa (1999) o que falta não é apenas uma formação de professores voltada para o futuro, mas uma reflexão dos próprios professores sobre suas práticas e o compartilhamento delas entre si. O diálogo entre os professores de hoje, os futuros professores e os professores aposentados, teria muito

mais resultados para as escolas e muito mais efeito na mudança da realidade em que vivemos do que as palestras de formação de professores em que pesquisadores, estudiosos de renome nas universidades ou grandes coachings empresariais tentam ditar sobre o trabalho docente.

Para Nóvoa (2020), geralmente quem pensa da academia não conhece de perto o contexto das escolas e da realidade das salas de aula no ensino primário, por exemplo. Pautam-se muitas vezes em teorias educacionais antigas que dialogam mais sobre o futuro da educação e da sociedade, o lugar dos professores e a valorização do trabalho docente, mais do que tentam resolver a educação como está na atualidade. Como resultado, têm-se professores amplamente formados, versados em diferentes conhecimentos, mas que sabem muito pouco sobre sua prática ou como melhorá-la. Além disso, a formação continuada dos professores virou um produto mercadológico com muita demanda, devido a quantidade significativa de professores do ensino básico e os lucros que isso gera. Tornando-se altamente rentável e alvo de muitas empresas que pouco tem compromisso com a educação pública, com o estado ou com a melhoria das escolas pelos professores, além do título que dão e o lucro que geram para elas mesmas.

Por falta de conhecimento e diálogo sobre suas práticas muitos professores acabam apenas seguindo materiais didáticos ou se tornando meros funcionários públicos que fazem mais do mesmo esperando que as mudanças aconteçam no futuro. E esse olhar constante para o futuro, ou sobre as competências que precisarão ser desenvolvidas na escola, sem nem uma dica de como fazer para que no futuro os alunos participem ativamente da sociedade e sejam aceitos por empresas que nem valorizarão estas competências, torna a educação um campo muito vasto de discursos sem uma real melhoria.

Na perspectiva das tecnologias da informação, Roxane Rojo (2007) , professora de Linguística Aplicada na Universidade de Campinas em São Paulo, fala muito sobre letramentos, multiletramentos e a exclusão social nos tempos das tecnologias. O termo letramento já entrou em nosso dia a dia há muito tempo mas ele é muitas vezes confundido com alfabetismo. Existem milhões de formas de letramento além dos que a escola irá ensinar. Tudo é uma prática de letramento, mas nem todas elas são valorizadas. Letramento na verdade é prática, usar os conhecimentos que aprendemos que envolvem diferentes contextos culturais. Na visão de Rojo (2007) a escola precisa ter espaço para trabalhar com diferentes práticas de letramento e não somente as prestigiadas socialmente. Além disso, os textos também possuem diferentes tipos de linguagens, e tudo tem um sentido e passa uma ideia. Há muito tempo os textos trazem figuras, infográficos, mapas, diagramação, e tudo isso comunica

de alguma forma. Hoje podemos entender como texto também imagens, cinema, poemas visuais, rádio, telejornal, e a multimodalidade de textos. A ideia de que texto é apenas aquilo que é escrito já caiu por terra, e hoje com as novas tecnologias mais ainda, pois as formas de se comunicar assumem diversas feições e tudo misturado ao mesmo tempo, a escrita, a imagem, o audiovisual, etc. O que é preciso ensinar na escola a partir disso é como ler a esses textos multifacetados e agir sobre eles.

Por isso é importante pensar as tecnologias hoje em dia como aliados do professor. A leitura de textos digitais oferecem muitas possibilidades de exploração e aprendizado por parte dos alunos e professores, e essa é a sociedade atual em que estamos inseridos. Não podemos mais trabalhar apenas com o material didático ou o conhecimento não dialogará com a realidade do aluno na visão da Professora Roxane Rojo (2007).

Com a internet, a chegada e popularização das redes sociais têm-se a disposição uma infinidade de gêneros textuais e possibilidade de leituras que podem ser exploradas como meios de ensino e aprendizagem atrelados à reflexão como observamos em Rojo (2007). Pensar sobre os pontos positivos e negativos que isso traz para nós e em como usar esses recursos da melhor forma, com o máximo de aproveitamento ganhou espaço no saber fazer do professor. E assim, com uma revisão das práticas docentes verificando o que está dando certo e o que está dando errado e o porquê, como é caso do difícil acesso à internet pelos mais pobres e como encontrar meios para solucionar esse problema.

O uso das redes sociais como ferramenta de ensino tornou-se imperativo e deve fazer parte de uma evolução significativa e pensada da escola.

3 As redes sociais como ferramenta para a comunicação e interação entre pessoas e informações

Mesmo antes dos acontecimentos de 2020, já existia uma migração massiva da escola para os espaços digitais a fim de fazer parte da realidade dos alunos, inseridos na cultura digital. Nesses ambientes era possível para a escola tanto compartilhar informações relevantes quanto interagir em tempo real com o seu público de diversas maneiras.

Nos tempos em que as pessoas vivem imersas em uma cultura digital onde todos são influenciados o tempo todo e o pensamento é moldado conforme o que veem, escutam e sentem, existem lacunas a serem preenchidas o tempo todo.

Segundo Maurício Benvenutti (2021), professor e especialista em empreendedorismo digital, no mundo atual, todo ser humano é uma mídia. Ou seja, nós não só estamos inseridos nas redes sociais participando delas, como também somos as mídias que formam as redes sociais. Vivemos produzindo informações, criando conteúdo, compartilhando informações e agindo socialmente de maneira digital o tempo todo. E com a cultura digital temos a oportunidade de nos reinventarmos de várias maneiras. Pois assim como a tecnologia evolui rápido as profissões também se tornam obsoletas antes que passe uma geração, e por isso é necessário que a escola forme o aluno para essa realidade, desenvolvendo não conteúdos, que logo se tornarão ultrapassados, mas competências.

E é por isso que a educação não poderia continuar a mesma. Os objetivos mudaram. Se antes se formava para que uma pessoa fosse capaz de passar em provas seguir uma área do conhecimento voltada para conteúdos específicos, hoje se forma valores sociais como respeito às diferenças, trabalho em grupo, competências e habilidades socioemocionais. Pois a educação tradicional e conteudista já não prepara o ser humano para o mundo como se configura na realidade atual.

Da mesma forma que rapidamente as profissões se tornam obsoletas novas surgem e cada vez mais variadas. O que há de mais rentável, por exemplo, são profissões que lidam com a insegurança, ou seja, que dependem unicamente do ser. Nas palavras de Benvenutti (2021), se o valor de uma profissional só existe associado a uma empresa sua dificuldade de reposicionamento será enorme quando essa empresa deixar de fazer parte da sua vida. E certamente deixará, pois os espaços no mercado, adequado às novas realidades, inovações tecnológicas e descobertas científicas vêm tornando as empresas instituições cada dia mais transitórias.

Com a evolução das mídias sociais podemos estar presentes em todos os lugares ao mesmo tempo no conforto de nossas casas, não precisando sair delas para absolutamente nada por longos períodos de tempo, ou até para sempre se preferirmos, já que é possível resolver a vida de maneira digital. Com a pandemia que se iniciou em 2020 assistimos a rotina das pessoas mudar drasticamente. E a escola precisou se adaptar. Com a reclusão e o fechamento dos espaços públicos, a escola parou de ser possível da forma convencional, presencialmente, tendo que também imperativamente inserir-se no meio digital para subsistir. Foi então que as

plataformas digitais de ensino remoto ganharam maior força e visibilidade. E a escola migrou para estes espaços a fim de continuar a cumprir sua função social de educar. Dentre as inúmeras plataformas digitais que proporcionaram o ensino remoto, Google Meet, Zoom, Kahoot, Whatsapp, LinkedIn, o Facebook para muitas escolas públicas no Brasil tornou-se uma ferramenta indispensável.

O incentivo à participação e interação dos alunos por meio das redes sociais, espaços que possibilitam a troca de informações e fórum entre escola, professores, pais e alunos é o assunto a que viemos observar aqui. A professora Rosemeire, de pedagogia e didática na UCDB tem um trabalho de pesquisa interessante sobre esse assunto desenvolvido junto às comunidades indígenas. Lá ela analisa as páginas de comunidades e grupos no Facebook voltados à interação entre alunos e professores por meio das redes sociais. Observando algumas produções e publicações de alunos e professores nessas páginas também nos dedicaremos a estudar a interação estabelecida na escola por meio das redes sociais, as linguagens utilizadas por alunos e professores, quem são esses sujeitos e como se categorizam os seus discursos.

Por enquanto analisaremos três dessas redes sociais, Facebook, Instagram e Whatsapp e como tem servido de ferramenta para educação.

4 A ferramenta digital Facebook

O Facebook é a maior rede social do mundo. Embora não tão usado hoje em dia como outras mídias sociais, ele está por trás de muitas tecnologias sem que nos demos conta. Como por exemplo, o Whatsapp e o Instagram.

O site Facebook foi lançado inicialmente em 4 de fevereiro de 2004, por acadêmicos da Universidade de Harvard, com uma interface muito simples inicialmente, e com o nome The facebook. Assim como o servidor de internet quando foi criado, que funcionava apenas dentro das universidades para troca de mensagens entre alunos e professores, o The facebook funcionava apenas internamente, dentro do servidor da universidade, servindo como um diretório de interação entre professores e alunos.

Em 2005 o site saiu das universidades para entrar nas escolas e abriu inscrição também para estudantes do ensino médio, mudando seu nome para Facebook apenas. O nome lembra muito os anuários das escolas americanas, uma espécie de livro de rostos, com fotos e informações sobre os alunos. Em Outubro do mesmo ano além da foto de perfil, o site abriu

para a possibilidade de postagem de fotos, e rapidamente, no mesmo ano, no mês de Dezembro a possibilidade de marcação de amigos nas fotos, numa corrida de avanços e modernização para acompanhar o interesse das pessoas.

Em Abril de 2006 a plataforma criou a opção móvel, de versão para celular, e para captar um público mais velho liberou a opção de adição de conexões de trabalho, tornando-se não apenas um compartilhamento de fotos e postagens, mas também um currículo. Em Setembro do mesmo ano entrou no ar a opção do *feed* de notícias, onde era possível ver as atualizações e postagens dos amigos e qualquer pessoa podia se registrar. Em 2007, o Facebook abre para postagem de vídeos, comercialização de produtos e até para criação e moderação de páginas de pessoas públicas e empresas.

Em 2008 teve início a internacionalização da plataforma, mesmo já sendo usada amplamente pelo mundo afora. Ganhando nessa época uma versão oficial em espanhol e o recurso do chat. Na mesma época também surge a opção *Connect*, onde as pessoas poderiam relacionar sua rede social com outros sites e cadastros em outros serviços. Nessa época surgiu também a monitoração dos usuários por meio de seus interesses pelos sites de comercialização de produtos. E desde então, uma série de melhoramentos foram criados a fim de atrair mais e mais públicos para a plataforma. Citando algumas: a inclusão do botão de curtir em 2009, o recurso das chamadas de vídeo além das trocas de mensagens escritas em 2011, a compra da rede social Instagram em 2012, e em 2014 a compra da rede social Whatsapp.

Hoje a plataforma continua sendo uma das maiores do mundo, no entanto muitas pessoas apagaram os seus perfis por conta dos anúncios e da falta de privacidade. Além das fakenews relacionadas à política e da insegurança quanto aos dados pessoais.

Um escândalo que ocorreu recentemente que validou esta crença foi a revelação que ocorreu durante as eleições do Trump nos EUA, após um analista da empresa Cambridge Analytica ter revelado que milhares de usuários tiveram seus dados compartilhados com a empresa e usados sem autorização para pesquisas de ibope e manobras de opinião pública. E assim como já utilizavam as informações dos usuários para direcionar os anúncios das empresas que pagavam à plataforma, houve a disseminação de notícias falsas por partidos políticos.

No Brasil o Facebook é a maior rede social usada. Sua versão em português estreou em 2008, porém já em 2011, três anos depois, a plataforma ultrapassou o Orkut, mídia social

pertencente ao Google e mais usada no Brasil anteriormente, em número de usuários. Atualmente, só no Brasil o Facebook possui mais de 8 milhões de contas cadastradas.

Com todos esses recursos, o Facebook pode ser aproveitado amplamente pelas escolas para postar conteúdos, interagir com seus alunos por meio de mensagens, comentários, chamadas de vídeo, fóruns educacionais, compartilhamento de materiais e até diretamente com o professor por meio dos recursos disponíveis para celular. O Facebook também proporciona a oportunidade de criar eventos, públicos ou privados com aulas ao vivo, *lives*, webnários, tudo sem sair da plataforma. Dentro das salas de vídeo também é possível fazer comentários e começar nos bate-papo coletivos.

5 Resultados e discussões

Se antigamente havia a televisão para nos bombardear de informações e propagandas, hoje convivemos o tempo todo conectados com as redes sociais, com os compartilhamentos, as notícias, as publicidades, etc. Muitas profissões que não existiam, hoje são o que há de mais rentável, como por exemplo, *youtubers*, *gamers*, *streamers*, *influencers*. Nomes que poderiam ser considerados estrangeirismos importados da língua inglesa, mas que na verdade são universais. A tecnologia da informação, ou o que conhecemos como internet, rede integrada de computadores e compartilhamento de dados, ultrapassou todos os limites. Por meio dos celulares, *tablets*, geladeiras inteligentes, *laptops*, *smartwatches*, *smart TVs*, e etc; podemos estar presentes em todos os lugares ao mesmo tempo no conforto de nossas casas, não precisando sair delas para absolutamente nada por longos períodos de tempo, ou até para sempre se preferirmos, já que é possível resolver a vida de maneira digital.

Em alguns casos o que mais pesa é a falta de recursos nas escolas; em outros casos, a dificuldade dos alunos ao acesso às ferramentas digitais, e algo que vem diminuindo bastante com as novas gerações, é a resistência dos professores a utilizar os meios de acesso à informação disponíveis nas instituições educativas. Pois segundo Kenski (2012) algumas pesquisas revelam que mesmo em espaços onde o uso e o acesso à internet se assemelham ao dos países ricos, professores e alunos utilizam pouco ou quase nada dos recursos dela para ensinar e aprender por não saberem a forma adequada de usar esses recursos a favor do ensino e da aprendizagem. Razões para esse fato podem tanto ser a falta de um planejamento

adequado, ou até mesmo o preparo desses profissionais para o manejo das ferramentas tecnológicas no desenvolvimento do seu trabalho.

6 Considerações finais

As redes sociais fazem parte do nosso dia a dia e podem ser facilmente encaixadas em nossa rotina. A cada momento de ócio uma pessoa entra em uma rede social. No Facebook e em outras redes sociais como o Instagram, as informações podem ser compartilhadas aos poucos, e as postagens costumam ter esse intuito, de não informarem tudo de uma vez só.

Com as redes sociais é possível comunicar local e globalmente. E a escola pode aproveitar esses recursos de maneira eficiente. O conceito de hipertexto, já muito disseminado, os multiletramentos, a construção da mente coletiva, a integração entre as pessoas, a unanimidade de opiniões, e a cultura digital são matérias que precisam ser introduzidas na escola, aproveitadas e levadas à reflexão, para não serem consumidas de maneira acrítica.

A reflexão sobre as informações disseminadas nas redes, o desenvolvimento e atuação dos alunos como autores do próprio aprendizado e construção dos significados indo além da cultura digital de massa é um trabalho que permite que se consuma com consciência, e também é papel da escola. Nos tempos em que as pessoas vivem imersas em uma cultura digital onde todos são influenciados o tempo todo e o pensamento é moldado conforme o que veem, escutam e sentem, as pessoas têm vontade de comprar o tempo todo. E isso também afeta a educação, já que as plataformas digitais contribuem muito para uma visão consumista da educação segundo Antônio Nóvoa (2020). Por essa mesma razão a escola torna-se cada vez mais necessária, permitindo aos alunos uma visão mais reflexiva, agindo sobre esses conhecimentos de maneira crítica e questionadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
BENVENUTTI, Maurício. **Desobedeça: a sua carreira pede mais**. São Paulo: Editora Gente, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UNB - tradução de Discourse and Social Change, de 1992.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

IBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e internet no Brasil**. Artigo de 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281121751_Educacao_e_Internet_no_Brasil em 17 de julho de 2021.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

NÓVOA, Antônio. **Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas**. Artigo fruto de uma palestra na USP em 20 de maio de 1999. Texto disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/FVqZ5WXm7tVyhCR6MRfGmFD/abstract/?lang=pt> em 17 de julho de 2021.

ROJO, Roxane. Letramentos digitais: a leitura como réplica ativa. Artigo de Linguística aplicada de Junho de 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/FRjcZrf5jtsZqxTD5G8rhgs/?lang=pt> em 17 de julho de 2021.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O ofício do professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.